

pequenos
relatos da
opressão
urbana

paulo-roberto andel

VILA
REJO

**pequenos
relatos da
opressão
urbana**

paulo-roberto andel



Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2018
Todos os direitos reservados

Coordenação editorial
Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão
Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora
www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Pequenos retratos da opressão urbana

Vilarejo Metaeditora, 2018

ISBN 978-85-919296-2-7

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2018

SUMÁRIO

Hora do almoço dos jovens	09
Workshop	13
Todos todos os dias	19
Um abraço de Carnaval	21
Quinze anos	23
Você não engana	27
Cícero	31
Feliz ano nenhum	37
A tempestade	39
O que fode tudo	41
Adeus, Brazil	47
Seis da manhã	51
Irmão	61
Verdamarelo	63
Todas as latas de lixo do Centro	65

"Don't be sad
it's over.

Be happy that it
happened."

“Não fique triste
porque acabou.

Fique feliz
por ter acontecido.”

Ian Brown

HORA DO ALMOÇO DOS JOVENS

A uns cinco metros do restaurante no coração do centro da cidade – que não é geograficamente centro -, bem na porta de um botequim que serve pratos a preços baixos, o jovem mendigo está com a mão estendida pedindo esmola e sendo solenemente ignorado por uma legião de jovens homens e mulheres, todos entre 25 e 40 anos do mundo corporativo, quase todos provavelmente funcionários da Petrobras, cuja nova, luxuosa e envidraçada sede fica a alguns metros dali – atualmente a grande referência de estilo e modernidade está nos prédios com suas fachadas inteiramente de vidro, o que naturalmente gera controvérsias – meu amigo Silvio, arquiteto dos bons, tem críticas pesadas à moda.

Os jovens homens e mulheres, homens em sua maioria porque a sociedade nunca perde a chance de estampar seu machismo, nem olham para o botequim – que é aberto, quente, com poucas opções, destinado aos mais pobres – e logo entram no restaurante de

comida, onde são recebidos por uma funcionária jovem, lourinha, simpática, o cartão de visitas da casa. Metros atrás, o jovem mendigo observa sua derrota: ele está sentado, com uma garrafinha de água – item essencial para a sobrevivência miserável nas ruas – perto da perna direita e faminto, enquanto acompanha todos os homens e mulheres que, por seus méritos, mas também pela graça de Deus, de seus pais e todos os que lhes proporcionaram condições para que, um dia, ocupassem seus respeitáveis postos de trabalho, adentram o belo restaurante para almoçarem, o que ele jamais fará porque o mundo é, essencialmente, uma merda e muitos acham normal um jovem passar fome na porta de um restaurante que tem dezenas de quilos de comida todo dia.

Os jovens homens e mulheres, homens em sua maioria – o machismo é assim! -, põem nos pratos as iguarias preferidas, especialmente as da culinária japonesa, que é inegavelmente saborosa, mas também um produto da moda, tão típico quanto o mar de vidro que serve de fachada para todos os prédios modernos.

Eles falam sem parar, mas em tom de voz moderado. É curioso notar em um pequeno grupo a tendência que se vê repetidamente em todos os cantos corporativos da cidade: roupas padronizadas. Calças de pano em tons sóbrios, azul escuro, preto, cinza ou marrom claro. Camisas de mangas compridas arregaçadas, ou de mangas curtas, nas cores branca, cinza, azul claro ou bege, com ou sem listras. Todos os homens estão de sapatos pretos, cordão com crachá nos pescoços. Quase todos os homens estão de óculos. As mulheres com roupas também sóbrias, discretas. Ninguém tem piercing, as tatuagens estão bem protegidas pelas roupas. Ninguém é negro, gordo, baixo. Ninguém parece gay à primeira vista. Que saco!

Os homens e mulheres conversam rapidamente, falam de assuntos de trabalho ou ficam hipnotizados em frente à tela da televisão quando o apresentador Alex Escobar dança o samba em seu programa ao som de um pagode esperto. Alguém diz de sua ida a Salvador no Carnaval, os outros riem. Surge uma

conversa de trabalho, os cochichos aumentam. Alguém fala sério, o resto fica em silêncio. Por um momento ali existe um sentido de cumplicidade, talvez até de solidariedade. Então o garçom pede para retirar os pratos e leva-os para a cozinha, mas conta com a rejeição da mesa a ponto de uma bela mulher deixar clara em sua fisionomia a indignação: que funcionariozinho era aquele para interromper a prosa? Você sabe o hipotético fim desta história: “Eu estou pagando!”. Não aconteceu na prática, mas era uma hipótese a ser considerada.

Poucos minutos depois, eles se cansam e descem para o caixa, no térreo. Não há fila, pagam suas contas com velocidade e só falta entregar o ticket para a garota lourinha bonitinha que os recebeu na entrada. Deixam o estabelecimento, viram à direita quase que num carma e caminham em direção à gigante do petróleo mundial, apedrejada há anos com a finalidade de promover um golpe de estado no Brasil. Mesmo com o êxito, não basta linchar a Petrobras: é preciso reduzi-la a pó. Noutros almoços de jovens homens e mulheres, homens

em sua maioria, em qualquer um dos restaurantes daquela região, muitos defendiam o golpe como promoção de justiça, liberdade e progresso, mas agora estão calados porque perderam seus empregos.

Os sobreviventes caminham calmamente em direção ao prédio corporativo e sonham com uma bela tarde produtiva, não sem antes passar pelo braço estendido do mendigo, mais ignorado do que na ida.

WORKSHOP

Eu trabalho numa pequena sala branca sem janelas e sem dividi-la com colegas de trabalho. Faço contas, relatórios, índices, atualizo um site com dados econômicos, atendo pessoas pelo telefone e por e-mail, produzo cálculos diversos e, nestes tempos modernos, também ajudo com internet, redação e ortografia.

Quando preciso saber como está o mundo, espio no smartphone. Não é recomendável utilizar o computador da empresa para assuntos particulares.

Dependendo do dia, posso ficar horas sem falar com ninguém, o que pode ser bom em dias de jornadas de cálculos puxados, mas é ruim na maior parte do tempo.

A rotina é quebrada ao menos uma vez por mês, quando faço visita a uma empresa e lá trabalho em condições, digamos, inusitadas – mas não devo falar sobre isso agora, é melhor deixar para lá. Também compareço a outras cidades umas duas ou três vezes por ano, com

aquele ritual de chegar cedo no aeroporto, passar pela revista, embarcar, torcer para dar tudo certo, sair do avião a mil quilômetros de distância de casa e imediatamente procurar pelo primeiro taxista que apareça, porque é a pessoa que pode me ajudar de verdade. Depois trabalhar, conseguir outro taxista, voltar para o aeroporto no mesmo dia e então dormir ao chegar em casa, geralmente esgotado e com dores nas costas porque aviões são desconfortáveis.

Trabalhei com muitos colegas, e muitos – ou quase todos – foram demitidos. Nos últimos meses, por causa da crise econômica decorrente do golpe de estado no Brasil, perdi muitos companheiros de trabalho. Não há dinheiro, o clima é de velório permanente há mais de um ano e tudo indica que, nos próximos dias, novos cortes virão. Os corredores são vazios, há várias salas com a luz apagada,

Sempre gostei do que fiz. Tenho tido boas condições de trabalho e o principal: consigo trabalhar com números dentro dos padrões de honestidade que

meus pais aprovariam. Tenho levado minha atividade profissional com tanta seriedade que, no dia seguinte ao enterro de minha mãe, embora trucidado emocionalmente, vim cumprir minha principal tarefa, que é um cálculo utilizado por milhares de pessoas em todo o Rio de Janeiro – depois voltei para casa e chorei por um oceano, mas fiz o que devia ser feito.

Estou muito triste com as coisas que estão acontecendo. Todos os colegas demitidos foram pessoas já em idade madura, praticamente sem oportunidades num mercado de trabalho tão agressivo, excludente e opressor, que despreza a experiência e a transforma em fardo. Não perderam seus postos por ineficiência, mas por absoluta falta de recursos financeiros da empresa. Pessoas com quem convivi por vinte anos ou mais e que, agora, perdi para sempre: quando se desfaz o elo profissional, a amizade fica, mas o convívio é cortado e isso é aterrorizante. Acabamos mortos em vida neste aspecto. Quem ainda está presente fala cochichando nos telefones, nos corredores, em qualquer lugar. Um

desafio psicológico dos bons, ao menos para pessoas que se importam minimamente pelo outro, que são capazes de trocar empatia.

Na maior parte do tempo, escuto música ambiente, geralmente dos CDs da minha coleção particular. Eles ajudam a cortar o silêncio fúnebre dos arredores, e me deixam mais tranquilo para realizar as tarefas de calculista.

Quando saio para o almoço em dias de sol, acho a luminosidade um tanto estranha, já que fico quase nove horas por dia debaixo de três lâmpadas frias.

Geralmente sou o último a ir embora.

TODOS TODOS OS DIAS

todos os dias, morre um policial a tiros, disparados por armas que os bandidos compram da própria polícia.

todos os dias, os golpistas tentam convencer os golpeados de que a corrupção deles é legítima.

todos os dias, escravos contemporâneos batem palmas para os maus atos dos senhores de engenho da era moderna - e vibram com as chicotadas que sofrerão

todos os dias, a estupidez comum impede o entendimento das manipulações praticadas pela TV, seus jornais e demais veículos de comunicação

todos os dias a massa de manobra não percebe que é manobrada, enquanto os fantoches se divertem com a própria mediocridade

todos os dias, o ódio tem vencido o amor, a fome tem vencido o conforto, a hipocrisia tem vencido a sensatez, a cobiça tem vencido a paz

todos os dias, a humanidade escorre pelos ralos em troca de nada, a maior parte das vidas é sofrimento em troca de nada, a miséria é a lei magna

todos os dias são a casa grande para poucos, a senzala para uma multidão, mas ficamos felizes com nossos smartphones em plena idade média

todos os dias são mãos mendigas estendidas, gravatas e ternos em correria, ladrões em bando dando porrada e matando, o caos latejando

todos os dias são de cidades esfaceladas, vidas perdidas, ordem e progresso das mentiras e crimes, a banalidade da morte, a opressão

todos os dias são pavor, morte, tristeza, pobreza, exclusão, aparte, insensatez, ignorância, tragédia e muita estupidez

é preciso mudar estes dias, a ferro e fogo, a espuma de sangue a brilhar, acabar com uma escravidão que nunca foi extinta, apenas realinhada, adaptada, marretada

UM ABRAÇO DE CARNAVAL

Dois homens conversando nas imediações da Mem de Sá em plena alvorada do domingo de Carnaval.

Podiam estar indo ou vindo, mas ali eram apenas dois confidentes, talvez tentando espantar a tristeza com um dos únicos punhados de celebração destas terras, que é quando as pessoas vão às ruas e cantam, dançam, transam, gozam, vibram e procuram algum sentido numa vida que é, entre sofrimentos, o intervalo para um trago ou um gole.

Falavam baixo para uma festa e alto para a madrugada, quase atrapalhando o sono desesperado dos mendigos nas imediações.

Falavam de samba e sociedade, de alguma alegria e afeto, de pequenos brindes e deliciosas ilusões.

Quando se abraçaram, eram mais do que amigos ou irmãos. Dois camaradas, dois sobreviventes da guerrilha urbana, dois trabalhadores

humildes celebrando os últimos momentos da primeira grande noite de Carnaval.

Um tomou um ônibus qualquer. O outro tomou o caminho de casa a pé.

A noite acabou, o silêncio apareceu, o negrume do céu ficou cada vez mais azulado, a Praça da Apoteose estava deitada em seu berço esplêndido. Ainda vai ter festa, mas tudo passa tão rápido que é preciso saborear cada momento.

Duma janela nas imediações, um velho homem testemunhara a despedida dos dois camaradas.

Pensando em seu passado, quando acreditava ter amigos e estar longe do fim, ele se calou e chorou.

É Carnaval, mas existe um estranho cheiro de ruas tristes no ar.

QUINZE ANOS

Eu andava com meu amigo Xuru pela Domingos Ferreira até que chegamos ao prédio onde ficava o grande apartamento de seus padrinhos, falecidos um ano e meio antes - lá fizemos uma grande festa de Réveillon que não deu exatamente certo. Não podíamos mais subir: parentes do Sul, subitamente surgidos, mandaram trocar a fechadura para que não entrássemos mais no apartamento. A missão era apenas pegar as contas na caixa de correio para pagá-las.

Xuru passou a vida inteira frequentando aquele apartamento e, se justiça houvesse, teria herdado o imóvel: era tratado como filho. Foi um pacote duro: além dos padrinhos, ele tinha perdido a mãe e acabara de se recuperar da primeira cirurgia do câncer que o vitimaria menos de três anos depois.

Depois de pegarmos as contas, ficamos olhando para a fachada do luxuoso prédio onde entramos tantas vezes. Segundos depois, ele disse

"Paulón, foda-se esse apartamento. Ele só me importava por causa dos meus padrinhos. Se querem ganhar dinheiro com essa merda, que ganhem". E fomos embora, talvez para comer um lanche e tomar um chope.

Esta cena completa exatamente quinze anos hoje.

Xuru foi embora de vez em 2005. Ontem, teria feito 47 anos. Não chegou aos 35. Foi uma luta enorme até o fim. De lá pra cá, muitas coisas mudaram, algumas delas para pior, outras não. Perdi minha família, fiz novos amigos - o Leo hoje é uma espécie de Xuru sem a filosofia, digamos, "bring on the night". De resto, o mundo ficou mais colérico e odioso, o que atinge a tudo: a política, a sociedade, o cotidiano e até mesmo o meu Fluminense, do mesmo jeito que fizeram com o Brasil em 2015.

Este foi um ano de merda. Vi amigos sendo demitidos, as pessoas passando mais necessidades, a fome está a olhos nus pelas ruas - só não vê quem não quer - e, no fim das contas, muitas

vezes o próximo não está nem aí para você - e depois os outros bichos é que são irracionais. Ok, publiquei três e-books tricolores para download gratuito e, finalmente, dois pocket books sobre o centro desta cidade devastada. Vi grandes shows, namorei, ganhei elogios, involuntariamente também alimentei recalques de gatinha, acontece. Estou vivo, com alguma saúde. Vamos em frente, sem pensar muito. Eu não penso somente em mim e isso é o que me encaminha à infelicidade, mas não me arrependo.

Começarei o ano cheio de problemas, com pouquíssimo apoio e precisando manter a casa em pé, enquanto assisto nas ruas ao sórdido espetáculo diário do sofrimento coletivo. Vida que segue, diria o mestre Saldanha. Vamos para mais uma tentativa. Estou cansado. Muito cansado. Mas é nessa hora em que o *sprint* é necessário, mesmo sem família, sem Xuru, testemunhando a agonia de um país golpeado, pensando em gente feito meu tio Mendel, que arriscou a vida para defender esta merda e que, deprimido no exílio, cometeu

suicídio. Ou sabendo que meus amigos de hoje vivem a vida muito mais pelo Whatsapp do que por qualquer outro meio.

Sem medo nem esperança, olho para trás e me recordo de uma bela lição do meu amigo: o ser humano é mais importante do que qualquer bem material. E mesmo que pareça uma bobagem, eu vou com ela até o final. Só me resta escrever.

Onde está o Xuru?

VOCÊ NÃO ENGANA MAIS A SI MESMO MESMA

Você não engana a si próprio. É absolutamente inútil. Pode contar todas as mentiras que quiser, pode falsear, pode até viver uma vida que não é a tua na tela de um computador, mas não vai adiantar: é impossível enganar a si próprio além de um breve momento delirante. Há muitos vocês em você mesmo, mas um deles é insuperável: o real. O você de verdade, que talvez nem mesmo você conheça direito, mas que inevitavelmente aparece a cada vez que você se deita e olha para o teto escuro de luz apagada. E aí você se depara com quem realmente é, com todos os fracassos pessoais que finge não ter experimentado; das drogas ilícitas que não consumiu, não por princípios ou serenidade, mas por cagaço; das mulheres que fingiu ter mas nunca lhe foram nada além de inspiração para masturbar-se; dos homens que desejou mas não teve qualquer coragem de viver seu tesão; dos amigos que não soube fazer porque a arrogância lhe lambe as

vísceras; dos portes que não tomou porque lhe faltou coragem para viver uma pequena derrocada noturna. E então o que parecia grande coisa não é porra nenhuma: você se vê num espelho imaginário e encara toda a sua feiúra, toda a sua alma desajeitada, toda a sua futilidade e isso não cabe em nenhuma mulher. E das histórias que você contou, mas não viveu? Lá estão no mesmo teto, como se fosse a faixa de torcida organizada onde se lê "mentiroso de merda!". Você nunca esfregou sua buceta em outra, nunca gozou pelo cu como tanto queria, nunca sequer se sentiu beijada de verdade. A avereza do rosto se encontra com a pobreza do caráter numa alma atormentada e, por isso mesmo, você nunca vai enganar a si mesmo. Deitado em berço esplêndido da mediocridade, você olha para a janela baixa e não se ilude: sabe que é um merda, um flácido, um pústula que caga ódio pelas ventas para não defecar a si próprio. Você tem fama, dinheiro, fode com vários caras, faz pose vitoriosa, mas sabe não ter nada a comemorar. Você é desimportante e por isso se impõe pela

virulência verbal, mas os teus dias vão ficar bem piores, você não engana a si mesma. Acorda, amor: a vida é hoje, somos todos bosta e você é desimportante. Somos todos formiguinhas em desconstrução, você também está com a sorte de nave mãe.

CÍCERO, MEU PRIMEIRO AMIGO GAY

Em alguns meses de 1975, meu pai ainda era um homem de algumas posses. Morávamos num prédio de quatro andares, sem elevador, na rua Santa Clara (posteriormente demolido para dar vez a um flat), em Copacabana. Até então, sempre tínhamos gente trabalhando em casa (desde criança, detestei a palavra "empregada", que me sugeria aparte social).

Um belo dia, minha mãe inovou e contratou o Cícero. De cara, já era diferente por ser homem numa atividade essencialmente ocupada por mulheres à época. E também por usar aquele chapéu de cozinheiro que eu acho um barato. E, finalmente, por ser homossexual assumido, o que causou verdadeiro horror nos nossos vizinhos.

Uma delas, Dona Mimi, uma senhora portuguesa branca, de bem, em nome de Deus, quis fazer um movimento para que nos mudássemos do prédio - era inaceitável para ela ver um "veado" nos

corredores. Mas aí minha mãe, que era baixinha mas não era fácil, a viu num cochicho com outra vizinha e a enquadrrou bonito. Nos corredores a palhaçada acabou. Quando eu saía com minha mãe para ir à escola, a idosa lusa e sua amiga ainda cochichavam, mas quase encolhidas. Hoje, sou capaz de supor qual era o teor da conversa baixa: "Essa mulher deixa um veado dentro de casa com uma criança".

Comi pratos sensacionais feitos pelo Cícero. Mais de 40 anos depois, sou capaz de lembrar do bife com arroz e fritas e da panqueca de carne. Foram muitos pratos. Ele sempre falava comigo, ria, me dava tchau, mas eu nunca entendia porque quando a minha mãe sempre insistia para que ele deixasse a cozinha para ficar perto de nós na sala, ele nunca vinha. Só falava comigo de longe, talvez a uns quatro metros de distância. Eu tinha que gritar para que ele escutasse.

Quando meu pai faliu, tivemos que mudar de apartamento, de bairro e de padrão. No dia da despedida, foi a única

vez que vi Cícero de perto: ele deu um beijo e um abraço em minha mãe, agradeceu muito a ela, passou a mão na minha cabeça e foi embora. Ainda o vimos na rua, debochando alto das vizinhas fofoqueiras. Poucos dias depois, mudamos por alguns meses para um minúsculo apartamento em Vaz Lobo, para depois voltarmos a Copacabana, ficando dezesseis anos na Siqueira Campos, aí já sem ninguém trabalhando em casa.

Ainda pude viver mais trinta anos com meus pais, com todos os altos e baixos de uma família, mas fomos felizes. Contudo, nunca conversávamos sobre aquela época porque era dolorosa para todos nós: não queríamos ter mudado, passamos muita dificuldade financeira e quase fome, mas superamos tudo. Quando falávamos no Cícero, minha mãe ria e se divertia, tinha saudades dele. Mas só depois de muito tempo é que refleti.

Estávamos num momento de dificuldades. Ela era uma super hiper cozinheira e uma pessoa muito simples.

Por que será que teria contratado um cozinheiro num momento em que estávamos tão apertados? E porque ele nunca chegava perto de mim, mesmo com ela insistindo para que viesse conversar conosco?

As respostas talvez não sejam exatas, mas levam à reflexão. Provavelmente minha mãe contratou Cícero porque ele estava com alguma dificuldade profissional, já que estávamos com pouquíssimo dinheiro - de alguma forma, ela o quis protegê-lo. E Cícero nunca chegou perto de mim porque tinha MEDO de ser visto em qualquer ato com uma criança, mesmo com a mãe perto: a ditadura militar-empresarial chegava a todos os lugares, quanto mais na minha casa (meu pai e meu tio foram presos no fim dos anos 1960 por "subversão"). E pior ainda que encontrasse um homossexual brincando com uma criança, não importando qual fosse o motivo.

Cícero é a primeira lembrança que tenho de um homossexual na vida - a segunda é de Serguei, que minha mãe

adorava e que hoje tenho a honra de ser seu biógrafo, ao lado de Rodrigo Barros. Cícero sempre me tratou com todo o respeito, a ponto de se automutilar socialmente. A ele devo excelentes pratos de comida deliciosa.

De lá para cá, foram muitos anos e muitos e muitos queridos amigos homossexuais, milhares de álbuns tocados por músicos homossexuais, livros fantásticos escritos por homossexuais. As artes, o cotidiano, o futebol - SIM! -, o trabalho, as faculdades, os bares, tudo. Ex-namoradas e ficantes. Amigas queridas e grandes admirações. Como poderia ousar discriminar o que faz parte da minha vida desde sempre?

Não vivi a orientação homossexual, mas jamais por preconceito e sim porque não é minha essência. Se fosse, creio que eu teria tido apoio de meus pais, teria que enfrentar inúmeros percalços, mas, provavelmente, acabaria numa organização LGBT em luta pelos direitos e causas. Mas não preciso ser necessariamente homossexual para abraçar e me solidarizar com todos os

homossexuais, amigos meus ou não, diante dessa idiotice agora rebatizada de "liminar da cura gay". Homossexualidade não foi, não é nem nunca será doença, exceto para aqueles que nem sempre são sexualmente seguros de si mesmos.

De alguma forma todos aqueles amigos homoafetivos são aqui representados pelo nome de Cícero, que foi o meu primeiro amigo gay quando eu nem sabia o que era sexo. Penso na dor daquele homem em 1975, temendo ser preso e desaparecido pelo simples fato de conversar com uma criança. Mas o pior é pensar que, 40 anos depois, parte do Brasil é ainda tão primitiva quanto naquele tempo.

FELIZ ANO NENHUM

a violência aí está para estilhaçar o viço dos dias. ela sempre esteve, ao menos para aqueles que têm mantido seus olhares mais atentos a trezentos e sessenta graus em vez de trinta. ela sempre esteve solta, morando de aluguel no apart hotel dos olhares indiferentes, na opressão infame das comunidades carentes, sobre a mira dos fuzis covardes que estraçalham sonhos e trajetórias. a violência aí está diariamente embarcada na baía de guanabara ou deslizando pela via dutra. hospedada em confortáveis escritórios das grandes corporações, cujos prédios são batizados com nomes estrangeiros, e onde raramente se vê um negro ou nordestino que não seja em funções serviçais. lá está a violência em forma de mãos mendigas estiradas na calçada suja enquanto um executivo só passa perto do pedinte por obrigação. olhares, olhares, olhares de desprezo, de aparte, de afastamento. a violência é fácil de ser entendida quando algum boçal profere a frase “é preciso ensinar a pescar em vez de dar o peixe”, e então todos

percebem que o orador nunca pescou uma bola à beira de um lago. a hipocrisia é a mãe de todas as violências. a violência é o egoísmo, o imperialismo financeiro, o racismo, o nazismo, a cólera e tudo que se vê facilmente num telejornal. os mortos pela fome, pela miséria, pelo abandono, enquanto há quem espere o próximo feriado, o recesso de natal e um feliz ano nenhum, feliz ano nenhum, nenhum.

A TEMPESTADE

não se trata de um exercício da vida, olhando para o bem e o mal. é o cumprimento de uma pena enrustida. todos os dias você acorda livre, absolutamente livre, e se depara com todos os seus sofrimentos e os daqueles que lhe são próximos, ou mesmo os irmãos que jamais verá ainda que sejam objeto da tua solidariedade. não, não é a vida como ela é, mas como ela foi imposta e você não tem o menor direito de escolha, exceto aceitá-la e sofrer para sempre ou abreviá-la por seus próprios meios, sendo condenado ao vale dos traidores, ao título de louco, de insano, de fraco, como se você fosse quem escreveu todas as desgraças que vemos todo dia. isso não é a vida como ela é, mas a tortura como ela é imposta. você está sozinho, absolutamente sozinho como sempre esteve e, ao olhar de agora para trás, revê um rio interminável com a vida afogada em mágoas, desenganos, falsidades, hipocrisias, egoísmos, invejas e violências. não é a vida como ela é, mas sim a que o sistema maldito reservou

para você e os seus, os famintos e os malditos, os mendigos e os perdidos nas noites frias, cruéis e indignas. eis a tempestade, a longa e tenebrosa tempestade, varrendo as misérias do asfalto, traduzindo toda a inutilidade de luta contra o mal porque a vitória pertence aos ruins, aos sujos de alma e aos incapazes de ver o outro senão como um objeto ou saco de lixo conforme a circunstância. não há religião, política ou dialética que justifique a destruição do homem pelo homem, que aceite como normal morrer de fome, de sede e de exaustão do sentimento.

O QUE FODE TUDO

todos os dias tem uma bala
perdida
uma vida destruída
e idiotas com seus impropérios
de mural

a vida escorre sem sentido
as pessoas desesperadas vagam
por emprego
outras por crack
e a maioria experimenta uma solidão
enorme

todos os dias a TV desfralda suas
mentiras
em forma de notícias
e brilhantes soluções
que só atendem o brilho nos olhos
dos patrões

a gran finesse da burocracia

todos os dias experimentamos o gosto
amargo
da derrota

a semana jogada fora à espera
da sexta-feira
os pequenos momentos de prazer e fé

porque nos dói aceitar
que tudo é uma merda
que a maioria dos nossos semelhantes
caga e anda para o outro
e quer mais que o outro se foda
de verde e amarelo

ou com a velha e encardida desculpa
do anticomunismo
no paraíso do capitalismo volátil

o traficante não percebe que é escravo
o policial não percebe que é escravo
e a escola sem partido é a ditadura
de ocasião

todos os dias tem assalto estupro
hipocrisia e indiferença

a sociedade é muito linda

o que fode tudo é o ser humano

o poeta bem disse: somos uns boçais
incapazes de enxergar quem oprime
ou quem realmente semeia amor

ostentando nossa formação de merda
à base de revistas, jornais e programas
de merda
com fanfarrões arrogantes em tom
blasê

e a grande representação
está nas caçambas cheias
de lixo

os papéis de pó jogados na calçada
em frente à escola

os rios destruídos os índios
queimados
os corações
estuprados

a revolução não será televisionada
porque seus donos são porcos estúpidos
enquanto a maioria ignara
é tão estúpida que não consegue sequer
ser individualista
e pensar em si

uhu! eu sou o rei do Facebook
sou bastante tuitado
e não passo de bosta mole pastosa
espalhando a apoteose do meu redor

uhu! a globo disse e eu aplaudo
batendo firme as minhas ferraduras
enquanto os caveirões
são carros alegóricos do carnaval
da morte

uhu! eu sou um bosta consumista
e minha vida não faz sentido
sem um shopping center

uhu! eu sou o prego na balada
o babaca na calçada ostentando
bobagens

a cidade amanhece debaixo de mais um
nevoeiro
e estamos vigilantes em busca do
próximo feriado
o próximo vazio feriado

com nossas piadinhas misóginas
fascistas
e totalitárias
porque no fim das contas temos pouco
ou nada a dizer

é isso que fode tudo, tudo
sem gozo, deleite e prazer
- é pantomina da foda, ilusão tamanha,
desfaçatez

é isso que fode tudo
essa mistura de ganância, burrice e
egoísmo
essa prepotência idiota
porque é made, made, made
made in Brazil

os mortos viram estatística
os vivos são mera audiência
os votos são o resquício da farsa
e clamamos por Deus pela família
e contra a corrupção dos outros

a nossa é terra debaixo do tapete
somos uns boçais
não entendemos o mínimo necessário
para a sobrevivência
e nada disso será ensinado
depois do jornal nacional

ADEUS, BRAZIL

Está na hora de partir. Este é o país do futuro na vanguarda do retrocesso. Milhões de pessoas estão felizes com o desrespeito às leis porque é exatamente isso que elas fazem o tempo todo. Estamos preparados para repetir 1964 porque o poeta Cazusa tinha razão em escrever num verso "são caboclos querendo ser ingleses". Cinquenta anos depois, milhões de brasileiros parecem bichos de estimação de um canal de televisão - a tratá-los como cães vadios que supostamente são merecedores de chinelada no focinho, uma aberração. As maravilhas da Internet permitem aos usuários o copiar e colar de idéias, como se tudo fosse uma honesta partida de futebol: torcer para o time do bem liberal e a morte do time dos comunistas - sabe-se lá o que estas mentes geniais tratam por comunismo. Milhões de torcedores do Big Brother. Milhões de torcedores de William Bonner. Há muitos Brasis e um deles é por demais digno: o dos trabalhadores de bem, homens e mulheres dos trens, dos ônibus

apinhados, dos centros de comércio popular, dos quartos de empregada e quitinetes de porteiro; das favelas, dos conjuntos habitacionais entregues à própria sorte; da geral que morreu, dos bailes de Messiê Limá e Big Boy. O resto? Uma bobagem. Milhões de idiotas sonhando com a extinção de comunistas e loucos pela admirável breguice de Miami - ou aquela patética cópia da estátua no New York City Center. Milhões de bobocas apregoando a teoria da meritocracia que se resumiu ao dinheiro dos pais e parentes. Os liberais que olham para o outro lado da rua ao primeiro sinal de mendicância, e que não se comovem nem ao ver um garotinho pedindo esmola no sinal enquanto o próprio filho, amado e suspirando, manuseia um game no banco de trás. Milhões de trapaceiros em todas as instâncias: a fila furada, o caixinha do guarda, a amante discreta, o desvio da empresa, a sonegação tranquila, a hipocrisia. Fracassamos como sociedade. Os erros da Monarquia, do Estado Novo, da ditadura e da Nova República não serviram de qualquer aprendizado. Agora

temos smartphones, a maravilhosa telefonia mais cara do mundo, somos muito desenvolvidos, mas pouca gente sabe interpretar um texto de dois parágrafos. Não perdemos a vocação colonial. Olhem para as empregadas de uniforme branco: elas são respeitáveis. O empresário de terno é um doutor. É lindo ver negros racistas, homossexuais fascistas, verborrágicos niilistas e toda sorte de desajustados enquanto mandamos o ladrão para a cadeia, com ou sem provas, com ou sem fundamento. Viva o choque de ordem evangélico! Viva os defensores da pátria contra o inimigo do inferno! Viva a celebração de toda a nossa estupidez coletiva! É hora da despedida: os hipócritas e monocratas receberão o foda-se que merecerão da História. São caboclos querendo ser ingleses. São caboclos querendo ser ingleses. No fim, também morre quem atira e o ódio floresce no ventre dos vermes que gorjeiam nas caixas mortuárias, tudo em pleno e belo dia de sol. Adeus, Brazil.

SEIS DA MANHÃ, FELIZ NATAL!

quase todos estão surdos, individualistas, indiferentes, alheios ao próximo e ao mundo, feliz natal. brasileiros contra brasileiros, um golpe fajuto, o caos pelo caos, feliz natal. ódio no mundo, ódio na américa, ódio na esquina, feliz natal. violência, estupro e morte, descaso e drama, abismo e carnaval, feliz natal. a imprensa vendida, a lavagem assegurada, a pequenez de espírito, feliz natal. livros que ninguém vai ler, canções que não serão aprendidas, a tal desatenção consagrada, grandes audiências inúteis, feliz natal. vamos celebrar a estupidez humana, os mortos vivos debaixo das marquises, os zumbis assassinos do crack, os índices da bolsa, o certificado de bom pagador, feliz natal. os shoppings estão cheios, as salas de aula vazias, os alunos arrogantes, os professores prepotentes, gente boa e má, o brasil entorpecido, feliz natal. madrugadas insones, amores destruídos, gente filhadaputa oprimindo gente boa, o poder do dinheiro, feliz natal. são seis horas da manhã no inferno, o mundo é moderno, o

ser humano é a província, a pátria é o pib, feliz natal. a meritocracia dos filhinhos de papai é a casa grande da marmitta dos sem nome, sábadó é um lindo dia, ninguém se lembra do filho da puta de ontem, somos todos estatística, feliz natal. o amor está morto, a casa está suja, a bandeira está dobrada, os discos estão empilhados, ordem e progresso, feliz natal. a desagradável sensação de que o novo é começar tudo outra vez com os mesmos defeitos, a sobrevivência é cumprir a pena em liberdade depois das cinco da tarde, de segunda a sexta, feliz natal. a matemática não se entende com nada do que aí está, minha dor é perceber o navio negreiro na calçada à espera da morte ou de remendos, feliz natal. a etimologia do filho da puta contemporâneo no brasil, os versos em vão frente à singeleza da pátria varonil, feliz natal. o fluminense acorrentado, a rádio em silêncio, a tevê desligada, nenhuma alegria no teto do quarto, feliz natal. amanhã vai ser outro dia, talvez o dia em que seremos todos inúteis, feliz natal. a procissão, a garota linda e por demais sozinha, as guerras do mundo, o

desamor, feliz natal. deixe seu recado
após o sinal.

ROMÃO

Era uma tarde qualquer de outono na Copacabana de 1975.

Por alguma razão que jamais saberei, provavelmente muito simples, minha mãe resolveu me puxar pela mão - o que ela adorava - e saímos de nossa casa, na rua Santa Clara, até o Lido, mais precisamente na rua Ronald de Carvalho, no prédio art déco que hoje serve de cenário para novelas.

Descemos as escadas do pequeno prédio de grandes apartamentos - que futuramente deixaríamos para um período de meses de dor e miséria em Vaz Lobo, até a volta para Copacabana na Siqueira Campos 143 -, minha mãe fez o sinal, pegamos o táxi. Antes do embarque, do outro lado da rua, Cícero nos cumprimentou efusivamente. Era nosso ex-cozinheiro, de uniforme alinhadíssimo à rua e carregando a barra pesada de ser homossexual assumido no Brasil da ditadura, sem pertencer aos

guetos tradicionais. Um homem de muita coragem.

O taxista fez uma corrida rápida. Nenhum trânsito. Santa Clara, Atlântica, retorno no Lido e o velho prédio cinza.

Talvez fosse o apartamento do primeiro o segundo andar quando entramos. A dona da casa era uma amiga da minha mãe ou algo parecido, ou havia alguma espécie de encomenda, um serviço. Chamava-se Vilma.

Era uma casa humilde. Na sala, a mesa aberta com bolo e refrigerante. Fui convidado ao lanche. Uma menina branca do meu tamanho, sentada, talvez disse um oi. Outro garoto, éramos todos pequenos. E mais um garoto grande, que podia ter dez anos de idade. Era negro e magro. Lembro de seu rosto muito triste. Não dava uma palavra. Aquilo me impressionou, a imagem da dor. Lanchamos.

Foi uma visita rápida. A família ia sair. Depois do lanche, minha mãe me ajeitou e todos fomos para o elevador.

Num súbito, a dona Vilma começou a gritar e gritar assustadoramente com o menino negro. Tive medo. Percebi que minha mãe ficou tensa em poucos segundos de descida. Gritos, gritos, violência:

- Seu negro burro! Burro! Idiota! Sua merda!

O garoto tinha o rosto tão triste que era inacreditável não estar chorando. A dona Vilma parecia tão calma e, de repente, explodiu. O acesso de fúria só foi interrompido quando saímos da portaria. Minha mãe fez questão de dar um abraço no garoto negro e nas crianças. Falou com a dona sob certo constrangimento.

Novo sinal para um táxi. Entramos. Demos tchau à família. Aos poucos, com os olhos vermelhos, minha mãe explicou que o menino era filho de criação da dona Vilma. Pouco tempo depois, os olhos vermelhos estavam cheios de lágrimas silenciosas, até uma única fala na pequena viagem até Santa Clara:

- Meu Deus, como eu tenho pena do Romão. Se pudesse, trazia ele para morar conosco. Sofre muito.

Pouco tempo depois, deixamos Copacabana temporariamente. Houve um martírio breve em Vaz Lobo. Voltamos. De empresário, meu pai passou a ser um digno empregado novamente. Deixamos um apartamento de 400 metros quadrados para outro de 30, melhorando um pouco na Siqueira Campos, onde ficaríamos dezesseis anos.

Nunca mais vi a dona Vilma. Nem o Romão, com quem não pude trocar uma palavra sequer, brincar de futebol, nada. Só lembro da tristeza de seu rosto. Tempos depois, ele pode ter sido uma peça fundamental na minha vida: sempre carreguei aquele dia no ventre, o que mais tarde influenciou minhas atividades como escoteiro, estudante e militante político. Minha mãe não conseguiu resgatar o menino negro de olhar triste demais e sem palavras.

Agora que a minha mãe não está mais aqui, só restam as minhas próprias

lágrimas ao pensar naquele dia de quarenta anos atrás, quando eu era uma criança sem a menor dimensão das coisas do mundo, mas suficientemente atenta para não achar normal a violência contra ninguém. Hoje eu poderia ser avô do menino negro triste e do menino pequeno de cabelos encaracolados e olhinhos, mas sou apenas uma testemunha da tristeza.

O racismo a gente nunca esquece.

IRMÃO

finalmente abracei meu irmão
depois de muitos e muitos anos

ele sofre demais e é triste
eu sofro por nós dois e nossos pais

a história devastada, dolorosa
ele é pobre e triste e sofre

eu me sinto morto
depois de carregar uma cruz de ferro
por quase nove anos

até que ela espatifou minha cabeça
e meu coração apodrece de dor

abracei meu irmão
e senti a mais triste felicidade

eu o queria bem, melhor do que eu
melhor do que a minha morte triste

e perdi todas as certezas

eu me sinto em chamas de um incêndio
eu estou morto em vão
e tudo que eu queria era sua felicidade

finalmente abracei meu irmão
um pequeno conforto diante
do mundo egoísta e pavoroso
que sufoca
meus versos inúteis

meu irmão está vivo
o mundo segue com sua
indiferença
o futuro não existe

VERDAMARELO

se os novos críticos musicais atacam a pablo por homofobia, fodam-se eles todos. se ela, pablo, é obesofóbica, que se foda muito também. fodam-se todos. fodam-se os paneleiros, os golpistas, os ignorantes, os bandidos, os corruptos, os massademanobra. fodam-se os recalcados, as subcelebridades, a flubabaca. fodam-se todos os opressores, os covardes, os machões de teclado, os bonzinhos que não querem se envolver, os estapafúrdios, os coléricos sem causa. fodam-se o mbl, o pfl, as ditaduras da al, as organizações globo, a folha, o estadão, a casa do caralho. fodam-se todos os que estão silenciados perante o helicoca, as propinas da fifa, a bodytech. fodam-se cabral e sua gang nos quintos do inferno. fodam-se de verdamarelo ou quaisquer cores e cinquenta estrelas. fodam-se os idiotas que abanam o rabo com as mentiras sobre os dados de emprego, renda e pib. fodam-se todos os egoístas, os fascistas, os totalitaristas do capital. fodam-se, fodam-se muito, sem sexo e gozo, mas o foder da vida. fodam-se os

arrogantes, os indiferentes, os que não têm apreço pelo outro, os traidores da amizade. o concreto já rachou, a destruição é a moda, ninguém quer saber de ninguém e que todos estes se fodam. foda-se o ano novo, o carnaval, a copa do mundo, o próximo feriado. fodam-se as mudanças que não virão. foda-se o futuro: ele é a morte. um minuto de silêncio em memória de todos os oprimidos e desprezados neste mundo injusto de merda. o resto que se foda.

TODAS AS LATAS DE LIXO DO CENTRO DA CIDADE

todas as latas de lixo do centro da cidade estão empenadas, reviradas ou até destroçadas. não se trata de uma reação de vândalos, ao contrário do que muitos são capazes de imaginar, mas sim de um grande exército da fome que passou a ocupar as ruas: mendigos, famintos, desempregados, crackers, todas as categorias misturadas. Sim, há muita gente entorpecida, mas até isso tem a ver com o disfarçar da fome. Vivemos em uma cidade mendiga. Para alguns, ou muitos, a solução estúpida é o aparte, a reclusão, a remoção temperada com aquela velha conversa pueril – *de fartum acre de sabão ordinário* – de que é preciso ensinar a pescar em vez de dar o peixe – quando, na verdade, boa parte dessa turma nunca pescou uma bota de borracha sequer num canto da urca. As latas estão reviradas porque a cidade está muito pobre, em nada alinhada com sua pequena burguesia oca e sua minúscula alta sociedade, que nada veem além dos próprios umbigos. Todas as latas de lixo

do centro da cidade estão arrombadas, como se tivessem sido assaltadas, porque a fome é um assalto da alma. O mais incrível disso tudo é a indiferença que cerca a questão, como se fosse possível viver neste mundo numa ilha deserta hi-tech com todo o conforto, sem precisar de mais nada ou ninguém, vomitando mentiras no facebook. Todas as latas de lixo do centro da cidade têm muito a nos dizer: basta refletir e espiar em volta, mas as pessoas estão ocupadas na sala de jantar, ocupadas em nascer e morrer repetindo as mesmas bobagens da novela encomendada, do noticiário tendencioso e da opinião irrelevante. Todas as latas de lixo do centro da cidade são fotografias da nossa imoralidade social, da nossa incapacidade de equilibrar minimamente as condições de povo, do nosso egoísmo, da nossa escrotidão, da nossa escrotidão, da nossa escrotidão. colocamos nossos fones de ouvido, ficamos olhando inutilidades na tela do iphone enquanto alguém pede esmola no metrô, fingimos não escutar nada e seguimos impávidos para construir a ordem e o progresso.

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é autor de “Cenas do Centro do Rio” (I e II), “A essência do FDP brasileiro contemporâneo”, além de treze livros sobre o time do Fluminense. Também é coautor de “2014: O espírito da Copa”. Escreve regularmente no blog *otraspalabras!*, no endereço virtual www.paulorobertoandel.blogspot.com.



Este livro foi produzido entre os dias 28 de fevereiro e 07 de março de 2018, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos leitores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

tem caos!
debaixo da caudurbana
tem caos!

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-919299-2-7



9 788591 929927